



# NOSS

# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS  
VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS  
AUTO/BIOGRÁFICAS  
NA HISTÓRIA E NA  
PRÁTICA ARTÍSTICA



## BIBLIOTECA COMO ELEMENTO BIOGRÁFICO: CASO MACHADO DE ASSIS

LIBRARY AS A BIOGRAPHICAL ELEMENT: THE MACHADO DE ASSIS CASE

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818380>

Envio: 22/03/2021 ♦ Aceite: 29/04/2021

### Einstein Augusto da Silva



Graduado e mestrado em História. Em processo de doutoramento também em História (UnB). Um dos Editores da Revista Nós.

### RESUMO:

Este artigo visa apreender e interpretar a presença da História na biblioteca e na obra de Machado. Com este objetivo, analiso alguns vestígios procurando perceber qual a importância e qual o significado dessa presença da História para a biografia intelectual de Machado.

**PALAVRA-CHAVE:** Machado de Assis, biografia intelectual; história da historiografia brasileira.

### ABSTRACT:

This article aims to apprehend and interpret the presence of history in the library and in Machado's work. With this objective, I analyze some traces trying to understand the importance and what is the meaning of this presence of history for Machado's intellectual biography.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; intellectual biography; history of Brazilian historiography.

Este artigo foi pensado para compor o DOSSIÊ IMAGENS AUTO/BIOGRÁFICAS NA HISTÓRIA E NA PRÁTICA ARTÍSTICA. Em virtude disto, assumir o “eu” é o primeiro passo para a definição da perspectiva a partir da qual meu objeto de pesquisa se constitui. Isto porque concordo com Ivan Jablonka, quando afirma que o modo objetivo é incompatível com as atuais exigências das Ciências Sociais, pois “nega a subjetividade do narrador ao dissimulá-la em uma ausência-onipresença” (JABLONKA, 2016: 294).

Afinal, como demonstra Erwin Panofsky no clássico *Arquitetura gótica e escolástica*, com a invenção da perspectiva fica evidente que descrever algo é “descrever não apenas o que se vê, mas como se vê uma coisa sob determinadas condições” (PANOFSKY, 2001: 11). Nesse sentido, a perspectiva encontra-se diretamente relacionada ao sujeito que observa, “pois só enxergamos uma parte do que pode ser visto, só aquilo que nos permite nosso ângulo de visão e a iluminação externa. Assim, a visão é subjetiva, ela depende de quem olha e ela é também afetada por condições de visibilidade externas ao observador” (FUNARI e SILVA, 2008: 14).

Dessa forma, este artigo está caracterizado por aquilo que Jablonka denomina de segunda subjetividade, que, em resumo, significa saber e dizer o lugar de onde se fala, partindo do princípio da transparência, que é o raciocínio em sua honestidade maior: dizendo as coisas e mostrando como estão feitas (JABLONKA, 2016: 313).

“La verdadera transparencia es la calidad democrática que tiene una gestión (o una decisión) cuando es íntegra y se ajusta a procedimientos conocidos por todos. El razonamiento, por lo tanto, es transparente cuando es analítico, es decir, integralmente explicitado y asumido; cuando se basa en definiciones claras, hipótesis, deducciones, ejemplos y contraejemplos. Cuanto más visible es, más se perciben sus engranajes, sus líneas de fuerza y de fala, sus limites. El esfuerzo por no ocultar nada, que no tiene nada que ver con exhibicionismo, es también un llamado a la discusión, a esa amistad-rivalidad que funda todas las ciencias” (JABLONKA, 2016: 309).

Em vista disso, é oportuno e coerente tentar caracterizar a minha forma de exposição, que é parecida com a forma usual de qualquer conversação e essa forma não é linear, podendo parecer meio caótica (lembrando que mitológica e cientificamente<sup>14</sup> o Caos é uma força criadora). No entanto, para os menos afeitos ao Caos, minha maneira

---

<sup>14</sup> (GLEICK, 1991).

de expor pode ser definida como “interlocução digressiva”. Interlocução no sentido de: “1. Conversação entre duas ou mais pessoas; 2. Interrupção do discurso pela fala de novos interlocutores”. Digressiva no sentido de que há digressão: “1. Desvio de rumo ou assunto; 2. Excursão, passeio. 3. Subterfúgio, evasiva” (HOLANDA FERREIRA, 2010: respectivamente 776 e 475).

Acredito que essa forma de exposição não-linear é produto de um pensamento reticular, que por sua vez é tributário do meio socioambiental no qual teve origem. Com isso pretendo dizer que a tortuosa estética do Cerrado (a tortuosidade das suas árvores, a tortuosidade dos leitos dos seus rios, a tortuosidade do seu relevo, a tortuosidade dos seus caminhos, a tortuosidade das ruas das cidades coloniais) pode ter contribuído para a formação tortuosa da minha sensibilidade e da minha racionalidade<sup>15</sup>. Em outras palavras, o Cerrado pode ter suscitado em mim um modo específico de ver, de sentir e de fazer: um modo de ser cerratense (PAULO BERTRAN, 2011).

Pode-se dizer que, em termos metodológicos, a “interlocução digressiva” é uma síntese entre o método maiêutico (Sócrates) e o peripatético (Aristóteles), visto que a compreensão, a inteligibilidade vai sendo construída – tendo como ponto de partida uma questão – no desenrolar do processo de investigação, que é indissociável da narração/explicação.

De acordo com Ivan Jablonka, narrar um acontecimento é necessariamente compreendê-lo e explicá-lo (ou oferecer instrumentos para a compreensão), respondendo a um como e a um porquê, a partir de um ponto de vista intelectual, de um raciocínio histórico, que se encarrega de transformar a representação em conhecimento, construindo estruturas de significação e, conseqüentemente, produzindo inteligibilidade tanto na vida dos desaparecidos (dos que viveram no passado) quanto em nossa existência (no presente), tornando, dessa forma, a realidade menos opaca. Em consequência disso, a narração é vista por Jablonka não como o fardo

---

<sup>15</sup> “Ao atuar [...] sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele [o homem] modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. “Comunidades diferentes encontram meios diferentes de produção e meios diferentes de subsistência em seu meio ambiente natural. Seu modo de produção, seu modo de vida e produtos são portanto diferentes”. (MARX, 1985, vol.1: respectivamente 149 e 277).

da história, mas como um dos seus recursos epistemológicos mais poderosos (JABLONKA, 2016: 146)

Sem ameaçar ou romper com aquilo que Paul Ricoeur denomina “pacto implícito”<sup>16</sup>, estabelecido entre uma obra histórica e seus supostos leitores, essa forma de exposição – que é parte do método hermenêutico – é explicativa, porque funciona como um “aparelho de remetimentos” (CERTEAU, 2010: 101), semelhante ao mecanismo das notas de rodapé, que, segundo Ivan Jablonka, “é mais que um suporte: é a arquitetura do raciocínio histórico” (JABLONKA, 2016: 273).

Por fim, faço uso da “interlocução digressiva” por acreditar que ela fornece densidade ao objeto de estudo, pois lhe acrescenta múltiplas camadas. Nesse sentido, aproprio-me da ideia de *descrição densa*, proposta por Clifford Geertz, ao mesmo tempo em que dou-lhe nova denominação: “explicação densa”. Ao substituir o termo “descrição” por “explicação”, pretendo ressaltar o caráter ativo, participativo, do processo de explicação, considerando que explicar é possibilitar a compreensão e a atribuição de sentidos. Logo, a “interlocução digressiva”, fazendo uso da “explicação densa”, acrescenta inteligibilidade ao objeto de estudo pela sinuosa via da multiplicidade, da diversidade.

A propósito, certa vez Machado de Assis escreveu que “a diversidade é o próprio espírito grego”, sendo que não é raro encontrar relações entre o “espírito grego” e a gênese da racionalidade ocidental. Em um artigo brilhante, intitulado “A Grécia de Machado de Assis”, Jacyntho Lins Brandão lembra que, “etimologicamente, *diversus* é o diferente, o dessemelhante, o que aparta do caminho, o que distrai, a digressão, em suma: tudo o que diverte, isto é, desencaminha, desvia, diferencia” (BRANDÃO, 2001: 368). Em termos bastante semelhantes, o dicionário Aurélio define *diverso* como: “*Adj.* 1. Diferente, distinto; 2. Vário, variado; 3. Mudado, alterado; 4. Discordante, divergente; 5. Que apresenta vários aspectos” (HOLANDA FERREIRA, 2010: 485). Pois bem: seguirei por um caminho diverso.

---

<sup>16</sup> “Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora formulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor” (RICOEUR, 2007: 275).

Biograficamente, sempre se associa Machado de Assis à Literatura Francesa, quer seja apontando a relação entre a admiração dele por ela e as ascendências francesas da *escrita* machadiana; quer seja enfatizando a influência da Literatura Francesa para formação intelectual de Machado, inclusive ressaltando a importância do conhecimento da língua francesa (bilinguismo) para sua sólida formação.

Não contesto essa associação entre a Literatura Francesa e a formação intelectual do Bruxo do Cosme Velho, acredito que seja verdadeira. No entanto, o propósito deste artigo é apontar minimamente elementos que patenteiem a influência da História para a constituição do repertório de concepções, de conceitos, de imagens e de símbolos utilizados por Machado. Em outras palavras, a intenção é enfatizar a importância da História para a formação intelectual do maior escritor brasileiro, logo, para sua biografia intelectual.

A partir desse pressuposto, é, pois, plausível acreditar que a História tenha contribuído para a constituição da percepção perspectivada que Machado possuía acerca da realidade (quer fosse ela: próxima ou distante; presente ou passada; concreta ou abstrata) e a partir da qual ele construiu sua obra ficcional (contos, romances, poesias) e sua obra factual (crônicas, críticas, correspondências)<sup>17</sup>.

É provável também que tenha sido o trânsito de Machado pela História que tenha dado o tom cético-pessimista-irônico tão característico da sua obra. À luz dessas suspeitas e a partir de um olhar sobre sua biblioteca e sua obra, tentarei interpretar alguns indícios da relação de Machado de Assis com a História.

Segundo Glória Vianna, que empreendeu uma atualização do catálogo<sup>18</sup> da Biblioteca de Machado de Assis, 18% das obras que compunham essa Biblioteca eram de História Geral, ficando atrás apenas da Literatura Francesa que constituía 19% do acervo (JOBIM, 2008: 124). Entretanto, levando em consideração 42 volumes da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, catalogados na seção “Revistas e

<sup>17</sup> Sem alimentar a ingênua ilusão de que essas categorias sejam puras: óbvio que existe ficcionalidade na escrita factual, assim como existe fatualidade na escrita ficcional de Machado de Assis.

<sup>18</sup> A primeira catalogação foi feita pelo pesquisador francês Jean-Michel Massa e publicado, em 1961, sob o título: A Biblioteca de Machado de Assis.

Periódicos” e que representam 5,5% do total do acervo, obtém-se um número superior a 23%. Essa superioridade numérica das obras relacionadas à História na Biblioteca de Machado torna patente seu interesse por essa área do conhecimento.

Essa presença ostensiva da História na Biblioteca de Machado se reflete em sua obra: são numerosas as referências à História na obra machadiana. Com o intuito de observar as ocorrências do termo “história”, utilizei a obra de Machado em formato PDF (disponível no site do MEC: machado.mec.gov.br<sup>19</sup>) e a ferramenta de busca (Ctrl+F); obtendo por esse meio, provisoriamente, 386 referências à História, distribuídas da seguinte maneira: 47 referências nos romances; 32 referências nos contos; 32 referências nas poesias; 189 referências nas crônicas; 10 referências nas peças de teatro; 43 referências nas críticas; 33 referências nas correspondências.

Além dessas e apesar de eu ainda não ter computado, as referências à História feitas de forma indireta/velada – isto é, referências à História que prescindam do termo “história” – são numerosíssimas nos escritos machadianos. Só para se ter uma ideia, no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, há aproximadamente 50 referências indiretas à História. Nestas, Machado refere-se a personagens e a eventos históricos, tais como: Conde da Cunha, D. João VI, Tibério Druso Cláudio, Tito Flávio Vespasiano, Sócrates, Aristóteles, Catão, Cromwell, devassos de Cômodo, Tertuliano, Júlio César, Lucrecia Bórgia, Tomás de Aquino, Tamerlão, Alexandre, Napoleão, Cem portas de Tebas, Jornadas da África, Batalha de Salamina, Confissão de Augsburg, chapéu de Gessler, Rainha de Navarra, Fundação da Vila de São Vicente, Noite da Luminárias, Revolução de 1831, entre outros.

É importante ressaltar que esse interesse de Machado de Assis pela História começou bem cedo. Investigando os arquivos da Biblioteca Nacional, Glória Vianna descobriu que, em 17 de novembro em 1855, Machado de Assis, aos 16 anos, “consulta o livro de José Ignácio de Abreu e Lima, *Sinopse ou dedução dos fatos mais notáveis da História do Brasil* e os dois volumes do Padre Ayres do Casal, *Corographia Brasílica*” [ou *Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*] (JOBIM, 2008: 110).

---

<sup>19</sup> É preciso observar que as obras disponibilizadas pelo MEC não representam a totalidade da produção machadiana, quando muito uns 50% do que existe editado e recolhido em diferentes coleções e conjuntos.

Portanto, é lícito acreditar que a familiaridade com a História – que o trânsito entre as épocas que essa familiaridade propicia – forneceu uma importante ferramenta epistemológica a Machado: o distanciamento, sendo que este tornou possível a perspectivação, que permitiu uma visão mais ampla e complexa da realidade. Por sua vez, a perspectivação, no âmbito da História, suscitou em Machado um certo relativismo (no sentido de estabelecer relações) e este produziu aquela espécie de ceticismo e/ou pessimismo irônicos, que, para muitos estudiosos, caracterizam sua obra.

Esta ideia de que há, de fato, relação entre perspectivas e concepções-posturas filosóficas pode ser corroborada por Panofsky. No livro *La perspectiva como forma simbólica*, ele escreveu: “Se podría comparar la función de la perspectiva renacentista a la del criticismo y la función de la perspectiva helénico-romana a la del escepticismo”<sup>20</sup> (PANOFSKY 2010: 48).

Aliás, em crônica publicada em 28 de fevereiro de 1897, Machado demonstra consciência de que sua obra, seus escritos eram associados tanto ao ceticismo quanto ao pessimismo e, ciente disso, parece se divertir com tais associações, aproximando, opondo, relativizando estas concepções-posturas filosóficas e relativizando também suas próprias afirmações e posições:

Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la. O verdadeiro cético não crê, como o Dr. Pangloss, que os narizes se fizeram para os óculos, nem, como eu, que os óculos é que se fizeram para os narizes; o cético verdadeiro descrê de uns e de outros. Que economia de vidros e de defluxos, se eu pudesse ter esta opinião! (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol. 4: 1283).

Aprofundando a questão da distância como ferramenta epistemológica que possibilita uma melhor percepção da realidade, no livro *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*, Carlo Ginzburg afirmou que “o vaivém de Velázquez entre a *Vocação de são Mateus* e *A forja de Vulcano* mostra que o confronto entre tradições

---

<sup>20</sup> “Se poderia comparar a função da perspectiva renascentista à do criticismo e função da perspectiva helênica-romana à do ceticismo” (Tradução minha).



culturais diferentes – diferentes sobretudo em sua pretensão de verdade – podia gerar um olhar profundo e inesperado sobre a realidade” (GINZBURG, 2001: 60), concluindo que, no caso de Velázquez, “a capacidade de pôr entre aspas a tradição própria e a alheia era uma arma poderosíssima” (GINZBURG, 2001: 60).

Por reconhecer que Machado possuía “a capacidade de pôr entre aspas a tradição própria e a alheia” e que por isso oferece ao leitor “um olhar profundo e inesperado sobre a realidade”, John Gledson pôde afirmar que Machado “tinha uma memória política maior e um sentimento histórico mais afinado do que os seus compatriotas” (GLEDSON, *In*: MACHADO DE ASSIS, 1996: 19).

Entretanto, o que tem a ver o trânsito pela História ou o distanciamento histórico com o tom pessimista-irônico que caracteriza a obra de Machado de Assis? Acredito que as idas e vindas da sua Contemporaneidade para Antiguidade e da Antiguidade para a Contemporaneidade – passando obviamente por outras épocas – permitiram a Machado colocar em perspectiva histórica os acontecimentos, relativizando-os, ou seja, colocando-os em relação uns com os outros. Esse procedimento deu a Machado a sensação, a consciência ou a convicção de que “a humanidade não saiu do lugar” (logicamente, faço uso de uma hipérbole), sendo, portanto, despropositadas ou sem sentido e inúteis todas as ações humanas. Ou como está escrito num dos livros prediletos de Machado, o Eclesiastes: “O que foi tornará a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol” (ECLESIASTES, cap.1, vers.9).

Nessa perspectiva, uma das ideias mais caras ao século XIX, Machado de Assis põe em discussão – “E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *status quo* [...]. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda” (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.3: 1018) – refiro-me à ideia de progresso. Uma vez que Machado “via claro na história”, provavelmente ele compartilharia da opinião de Baudelaire, segundo a qual “há outro erro muito em voga, de que quero manter-me distante como do inferno – estou falando da ideia de progresso. Esse fanal obscuro, invenção do filosofismo atual [...]. Quem quiser ver claro na história deve antes de mais nada apagar esse pérfido fanal” (BAUDELAIRE *apud* GINZBURG, 2001: 158-159).

Mas, uma pergunta se impõe: o que torna possível esse distanciamento histórico de Machado de Assis?

Minha hipótese é que essa passagem da sincronia (do presente) para diacronia (para o passado) e vice-versa pode ter provocado uma anacronia e, justamente, essa condição de anacrônico possibilitou a Machado o distanciamento epistemológico e consequentemente a ampliação do seu horizonte de percepção e cognição. A condição do anacrônico assemelha-se a do exilado, entendendo a anacronia tanto quanto “o exílio, como condição de possibilidade desse duplo olhar ou dessa posição de entre-dois” (HARTOG, 2003: 15). Dessa forma, por essa sua condição de anacrônico, por estar entre-dois lugares/tempo, o repertório semântico de Machado foi potencializado e sua visão da realidade, perspectivada.

Algo que Erich Auerbach escreveu sobre o “tema do descobrimento de um novo mundo” e seus efeitos no pensamento medieval fornece elementos para uma comparação, que pode contribuir para a reflexão:

No meio disto, porém, ressoa um tema totalmente diferente e novo, de grande atualidade naquele tempo, o tema do descobrimento de um novo mundo, com toda a surpresa, o deslocamento do horizonte e a mudança da imagem do mundo que seguiram a tal descobrimento. Este é um dos grandes temas do Renascimento e dos dois séculos seguintes, um dos motivos que serviram de alavanca para a revolução política, religiosa, econômica e filosófica. Sempre reaparece; quer os escritores façam uma ação se desenrolar naquele mundo ainda novo e semidesconhecido, enquanto lá constroem uma situação mais pura e primordial do que a europeia, o que lhes permite uma forma eficaz e, ao mesmo tempo, um tanto graciosamente velada de crítica às situações locais; quer introduzam um habitante daqueles estranhos países no mundo europeu, fazendo então brotar a sua crítica sobre a situação europeia constituída da sua ingênua surpresa ou, em geral, das suas reações diante do que vê na Europa, em ambos os casos, o motivo tem uma força revolucionária, uma força que sacode a situação existente, pondo-a num contexto mais amplo e tendo, portanto, um efeito relativizante (AUERBACH, 2015: 235).

Comparativamente e guardadas as devidas proporções, acredito que o “tema da História” significou para Machado de Assis o mesmo que o “tema do descobrimento de um novo mundo” significou para o pensamento medieval. Afinal, conhecer a História não é descobrir novos mundos ainda que extintos? Em *Os antigos, o passado e o*

*presente*, François Hartog responde a essa pergunta afirmativamente: “vista de perto (isto é, de longe), a antiguidade foi certamente um outro mundo” (HARTOG, 2003: 198).

Aliás, o próprio Hartog reflete sobre a relação entre distanciamento e perspectivação. Ao analisar os efeitos no repertório conceitual do Ocidente provocados pela descoberta do Novo Mundo, ele enfatiza a relativização das ideias que se tinham acerca do que significava ser antigo e do que significava ser moderno, a partir da inserção do termo “selvagem” na equação antigos X modernos, utilizada para refletir sobre a relação do homem com o passado e com a ideia de “progresso”.

Em um primeiro momento, o recurso ao antigo assegurou pontos de referência para uma geografia dos confins (as sereias, as amazonas, a presença ou a ausência de monstros). Mas bem depressa, com os primeiros relatos de viagem, passou-se, por assim dizer, dos confins ao próprio coração do mundo dos antigos, dos *mirabilia* aos *nómoi* da cidade: as práticas guerreiras, funerárias, e outras do selvagem vieram a ser relacionadas não mais ou não só com as dos citas, mas também com as dos espartanos ou dos romanos. *Não importa, de resto, se para marcar semelhanças ou desvios; o que conta é, acima de tudo, o próprio estabelecimento de um paralelismo. Ao proceder assim, contribuía-se imperceptivelmente para a construção da importante e nova ideia de que o afastamento no espaço equivale à distância no tempo.* Com efeito, ‘ver’ os selvagens, descrevê-los mediante referências antigas, conduziu, sem que se desse conta disso, a pôr a distância os antigos: a distância que nos separa dele seria medida quase que fisicamente, e tornar-se-ia cada vez mais viva a ideia moderna da diferença entre os tempos. Daí em diante, entre os antigos e nós, havia ou acabaria por haver um oceano! (HARTOG, 2003: 131) Grifo meu.

Pois bem, uma vez aceita a proposição de que “o afastamento no espaço equivale à distância no tempo”, é possível considerar verdadeira a ideia de que “o afastamento no tempo equivale à distância no espaço”. No caso, ocorre apenas uma inversão nos termos da equação, cujas grandezas são diretamente proporcionais. Isso pode significar – e acredito que de fato significa – que ao se afastar no tempo, o sujeito que se afastou é igualmente deslocado no espaço, isto é, ele sai do seu lugar de origem e, por conseguinte, seu ponto de vista ou sua perspectiva com relação ao presente é modificada.

Em outras palavras, o trânsito pela História ou “o descobrimento de novos mundos por meio da História” possibilitou um distanciamento, que potencializou a

capacidade de Machado de Assis de perceber a realidade que o circundava e de a interpretá-la, ao mesmo tempo, de forma densa, profunda e perspectivada. Não obstante a evidência de que o trânsito pela História contribua positivamente com o processo epistemológico ou interpretativo da realidade presente, uma importante advertência deve ser lembrada:

É quase a mesma coisa conversar com os que viveram em outros séculos e viajar. É bom conhecer um pouco os costumes dos diversos povos a fim de julgar mais corretamente os nossos [...]. Mas quando se despende tempo demais a viajar, acaba-se por tornar-se estrangeiro no próprio país; e quando se é excessivamente curioso sobre as coisas praticadas nos séculos passados, comumente se fica muito ignorante das que se praticam no nosso (DESCARTES, *apud* HARTOG, 2003: 134).

E Hartog resume a ideia de Descartes: “Viajar ao exterior, assim como ler livros antigos, é ótimo, desde que não dure muito” (HARTOG, 2003: 134). Afinal, “a história é um desvio que, ao desviar-se do presente, arrisca tornar-se diversão” (HARTOG, 2003: 135). Contudo, a advertência de Descartes não cabe a Machado de Assis, pois o que Machado fazia era justamente utilizar a antiguidade, os antigos, o passado, a História, em suma, para refletir sobre o presente e muitas vezes criticá-lo à luz da História. Com seu conhecimento de História ele instaurava a distância necessária para enxergar com lucidez e dimensionar com precisão os acontecimentos contemporâneos. Parafrazeando o que Ginzburg disse sobre Maquiavel, Machado possuía “uma consciência decorrente [...] de ‘uma longa experiência das coisas modernas e de uma contínua lição das coisas antigas’” (GINZBURG, 2001: 191).

Para dar sequência às minhas interpretações, neste momento interrompo as conjecturas suscitadas pela presença da História na Biblioteca de Machado. Portanto, saio dela e entro em sua obra. Abordarei de passagem uma de suas obras mais importantes, sublinhando um indício específico da relação de Machado com a História. Antes, porém, é necessário ponderar sobre o significado desse indício e sobre sua relação com o próprio Machado.

No livro *Machado de Assis e o hipopótamo*, em uma abordagem bastante – para não dizer violentamente – psicologizante, Gondin da Fonseca afirma que “Rubião é

Machado de Assis. Todos os personagens de um autor revelam facetas diversas desse autor. Mesmo quando Deus inventou o homem, criou-o à sua imagem e semelhança. Nem poderia acontecer de outra forma” (FONSECA, 1960: 17).

Longe de concordar com Gondin da Fonseca e ao mesmo tempo ciente de que a “visão repetitiva da História, partilhada por Brás Cubas e Bento, é frequentemente considerada a do próprio Machado, sem atenuações” (GLEDSON, 2003: 259), acredito que um dos episódios mais famosos saído da pena de Machado – o delírio de Brás Cubas – pode corroborar com a ideia de que o trânsito pela História foi o responsável por sua visão complexa e plural da realidade e ao mesmo tempo pelo seu tom cético-pessimista.

Embora não tendo a certeza de que a “visão da História” presente nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* seja a do próprio Machado, estou convicto de que, no episódio do delírio de Brás, é evidente que Machado de Assis concebeu o trânsito pela História como uma ferramenta epistemológica, demolidora de romantismos e geradora de ceticismos e pessimismos.

O episódio do delírio começa quando surge a figura de uma mulher com “olhos rutilantes como o sol” e com “a vastidão das formas selváticas”. Diante dessa visão, “tudo escapava à compreensão do olhar humano”. Assim, Brás precisou de um tempo para se recompor do susto. Recompuesto, pergunta “quem era e como se chamava” aquela mulher. E ela responde: “Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga”. Depois de um longo diálogo sobre a vida, sobre a morte, sobre o tempo, Pandora afirma que o *leitmotiv* de suas próprias ações – isto é, “o estatuto universal” – está fundamentado no egoísmo e no instinto de conservação.

Isso dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos Impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da Terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, — flagelos e

delícias, — desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a coisa é divertida e vale a pena, — talvez monótona — mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativo, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: — “Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade.” E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da Terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás deles os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si,

um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último, — o último!; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hipopótamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel... (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.1: 608-609).

O delírio de Brás Cubas é extremamente eloquente no que diz respeito à ideia de que o trânsito pela História possibilita um distanciamento epistemológico e, conseqüentemente, propicia uma perspectiva mais ampla da realidade presente, pois a distância possibilita enxergar as coisas sinopticamente ou em conjunto. Logo no início da descrição do delírio, Brás afirma que contemplou “durante um tempo largo, *ao longe*, através de um nevoeiro, uma coisa única<sup>21</sup>”, na qual se confundem “flagelos e delícias”, bem e mal, começo e fim. Posteriormente, com a morte, Brás Cubas será capaz de “converter a *síntesis* em uma *diégesis*, uma narrativa contínua” (HARTOG, 2003: 46).

Assim, tendo visto passar, “num turbilhão”, todos séculos diante de seus olhos; tendo diante de si “a história do homem e da Terra”, Brás afirma: “eu via tudo o que passava diante de mim, — flagelos e delícias, — desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria”. E a cínica – relativa aos Cínicos – conclusão de Brás Cubas é que tanto os flagelos quanto as delícias “agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo”.

Nesse passo, é oportuno divagar sobre a estreita relação entre a conclusão cínica de Brás Cubas e o ponto de vista distanciado que a possibilitou (“arrebato-me ao alto de uma montanha”; “ver cá de cima o espetáculo”; “A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo”). De acordo com Enylton de Sá Rego, “a quinta característica fundamental da obra de Luciano [...] é a utilização sistemática do ponto

---

<sup>21</sup> Advertindo que “único” é um adjetivo que pode significar: “Que é só um. 2. De cuja espécie não existe outro. 3. Exclusivo; excepcional. 4. A que nada é comparável. 5. Superior a todos os demais. 6. *Filos*. Diz-se de ser com quem nenhum outro se identifica. 7. *Filos*. Diz-se de indivíduo lógico que é membro de uma classe de um só indivíduo” (HOLANDA FERREIRA, 2010: 1429).

de vista do *kataskopos*” (SÁ REGO, 1989: 63), ou seja, observar “o mundo de um ponto de vista privilegiado, em geral do alto de uma elevação, ou mesmo da Lua” (SÁ REGO, 1989: 64). Ainda segundo Enylton, o ponto de vista do *kataskopos*, seria o do “observador distanciado, que, como um espectador desapaixonado, analisa não só o mundo a que se refere como também a sua própria obra literária, a sua própria visão-de-mundo” (SÁ REGO, 1989: 46). Referindo-se à obra de Luciano, mas podendo servir para algumas obras de Machado, Douglas Duncan afirma que há “a busca de um ponto de vista distanciado, uma rejeição de compromissos assumidos anteriormente, uma compulsão no sentido de colocar-se de fora para poder então olhar para dentro” (DUNCAN *apud* SÁ REGO, 1989: 63).

Voltando às *Memórias póstumas*. Portanto, além de tornar a observação dos séculos monótona<sup>22</sup> e sem efeito a distinção entre flagelos e delícias, esse distanciamento (histórico?) suscita ou pode suscitar o pessimismo, pois é difícil sair incólume da experiência de ter visto, por meio da História, o homem correr “atrás de uma figura nebulosa e esquiva” [...]: “a quimera da felicidade”, que “lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão”, restando-lhe apenas “a melancolia do desamparo”. Como manter o otimismo e a esperança depois de uma experiência como essa?

E o mais importante de tudo: foi o delírio que ofereceu parâmetros para Brás Cubas dimensionar e relativizar sua própria vida como um todo e cada uma de suas ações em particular. O delírio em sua estreita relação com a História lhe forneceu a distância necessária para perspectivar sua história e a morte lhe fornece coragem, “imparcialidade” e imunidade para narrá-la sem censura. A propósito, segundo François Hartog, “a epopeia e a história pressupõem a morte” (HARTOG, 2003: 26). Assim sendo, é forçoso concordar com Ginzburg, quando escreve que “estimulante é o paralelo, repetidamente ressaltado por Panofsky, entre a invenção da perspectiva linear na Itália

---

<sup>22</sup> Monótona: “*Adj.* 1. De um só tom; uniforme. 2. Enfadonho, fastidioso” (HOLANDA FERREIRA, 2010: 942).



do Renascimento e o surgimento simultâneo de uma atitude crítica com relação ao passado” (GINZBURG, 2001: 189).

Até aqui, tentei demonstrar como a História contribuiu ou pode ter contribuído para a percepção plural e profunda que Machado possuía acerca da realidade que o cercava. Quando utilizada ou vivida como uma ferramenta epistemológica, a História pode propiciar o distanciamento e, conseqüentemente, a perspectivação. E qualquer perspectivação é relativizadora, pois estabelece relações entre diferentes elementos num mesmo conjunto representacional. “Na verdade, uma das características principais de sua linguagem é a de relativizar constantemente suas próprias afirmações” (SÁ REGO, 1989: 49). Nesta citação, Enylton de Sá Rego refere-se a Luciano, mas facilmente poderia estar se referindo a Machado, por esse e por muitos outros aspectos, Enylton tem razão quando vincula Machado à tradição luciânica. Por fim, dessa fórmula complexa – na qual se relacionam a História, o distanciamento, a perspectivação, a relativização – pode ter resultado, entre outras coisas, o ceticismo e/ou o pessimismo, frequentemente associado ao estilo machadiano.

Sobre a origem do pessimismo machadiano, em *Machado de Assis: impostura e realismo*, John Gledson assevera que “é bem provável [...] que Machado sofresse a influência das doutrinas de Schopenhauer” (GLEDSON, 1991: 148). Por outro lado, em *O Calundu e a Panaceia*, Enylton de Sá Rego afirma que parece “simplista a aproximação feita por parte da crítica brasileira entre o pessimismo e a filosofia social de Schopenhauer e as opiniões de Machado sobre a humanidade, história e a sociedade” (SÁ REGO, 1989: 128).

Parece plausível supor, portanto, que o ceticismo e/ou o pessimismo machadiano tenha a ver com uma certa descrença na ideia de progresso, hiperbolizada na ideia de que “a humanidade não saiu do lugar”, ideia adquirida e alimentada pelo seu vasto conhecimento da História. Mas como a História poderia ter contribuído para que Machado chegasse à conclusão de que “a humanidade não saiu do lugar”? Principalmente, porque ela permite estabelecer relações entre os homens e as configurações sociais do passado e os homens e as configurações sociais do presente, observando as semelhanças e as diferenças ao longo do tempo. Por óbvio que seja, é

importante insinuar que o simples fato de haver termos de comparação demonstra que as diferenças entre os homens e as sociedades do passado e os homens e as sociedades do presente não é tão grande quanto os teóricos da ideia de progresso gostariam que fosse.

Um exemplo simples, quase infantil (mas não por isso menos válido) pode ajudar a pensar como a História pode ter contribuído para as reflexões de Machado sobre os avanços ou não da humanidade: Nos livros de historiadores e autores antigos, aos quais Machado frequentemente se refere ou cita – Tito Lívio, Luciano, Suetônio, Tucídides, Tácito, entre outros –, é possível encontrar referências a uma organização social na qual figuram imperadores, reis, senhores, escravos e agregados. Pois bem, em termos estruturais, tampouco em termos conceituais, não há grandes diferenças entre as configurações sociais que Machado conheceu por meio desses livros e a configuração social brasileira do século XIX, na qual estava inserido. Em outras palavras, por meio da História, é possível que Machado tenha chegado à conclusão de que há semelhanças formais entre as sociedades do passado e as do presente: há homologias morfológicas entre elas. “Funciona aqui sem reservas a figura da analogia” (HARTOG, 2003: 182).

Além disso, Machado pode ter observado que há ainda continuidades no que diz respeito aos valores e às paixões humanas (“a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba”): desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, os homens fazem guerras por poder e glória, acreditando que isso possa ser a materialização ou a encarnação da “quimera da felicidade”<sup>23</sup>. Mas por meio da História, assim como Brás em seu delírio, Machado constatou monotonamente “gerações que se superpunham às gerações [...] na sepultura” e percebeu que “uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização”.

Diga-se de passagem, ao analisar as influências dos escritos de Marco Aurélio sobre Tolstoi, Carlo Ginzburg resume da seguinte maneira as ideias de Marco Aurélio sobre a vida e o viver: “através da imensidão do tempo e da multiplicidade dos

---

<sup>23</sup> “Porém fazer o quê se o maluco não estudou / 500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou [...] Vaidade e ambição, munição pra criar inimigo / Desde o povo antigo foi sempre assim / Quem não se lembra que Abel foi morto Caim” (RACIONAIS MC’s - Música: A vida é desafio - Álbum: Nada como um dia após o outro dia - 2002).

indivíduos chegamos a nos dar conta de que o nosso existir não tem importância nenhuma”, para chegar a essa conclusão basta considerar “como a lembrança que deixamos aos pósteros não tem valor, e tampouco o têm a glória e, em absoluto, qualquer outra coisa” (MARCO AURÉLIO, *apud* GINZBURG, 2001: 20).

Conseqüentemente, essa percepção de que “a humanidade não saiu do lugar” produz um pessimismo sistêmico ou filosófico, que se torna a lente por meio da qual Machado enxergava e interpretava o mundo. Essa filosofia pessimista enfatiza a inutilidade e o despropósito das ações humanas, sendo que esse pessimismo é alimentado por uma filosofia cínica (cínicos/Diógenes) e expresso por meio de uma linguagem irônica: a mais apropriada a dar existência literária àquela filosofia, cujo pressuposto elementar é observar as coisas de longe – não vendo diferença entre risos e lágrimas, esquerda e direita, Luzia e Saquarema –, duvidar de tudo, ridicularizar a polarização e aceitar as diferenças.

A essência dessa filosofia o próprio Machado sintetiza: “não se há de excluir uma, por não ser igual às outras. A monotonia é a morte. A vida está na variedade” (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.4: 900). Desse modo, a História proporciona a Machado de Assis um distanciamento epistemológico (*kataskopos*), que por sua vez possibilita a perspectivação da realidade, sendo que, para Machado, “a perspectiva consistia numa metáfora que permitia construir um modelo cognitivo fundamentado numa pluralidade de pontos de vista” (GINZBURG, 2001: 193).

A partir de Luciano de Samosata, a filosofia cínica e sátira menipeia ganharam expressão literária. De forma sintética, pode-se dizer que: oferecer “extrema dificuldade de classificação genérica, [possuir] caráter fragmentário e parodístico, [apresentar] ponto de vista irônico, distanciado e geralmente julgado como pessimista – [são] as principais características associadas com a tradição da sátira menipeia” (SÁ REGO, 1989: 8). Ademais, referindo-se a Luciano de Samósata, logo, referindo-se à tradição luciânica, Enylton acrescenta que “sua linguagem é essencialmente ambígua, dessacralizando todas as verdades absolutas, solapando inclusive suas próprias afirmações” (SÁ REGO: 1989, 51).

Diante disso, é bastante provável (no sentido de que há muitas provas) – como ficou demonstrado por Enylton de Sá Rego, em *O calundu e a panaceia* – que a postura cínica/irônica de Machado de Assis tenha ascendência em Luciano de Samósata, cuja obra completa, em dois Tomos, em francês, editado pela Garnier, encontrava-se em sua Biblioteca. Contudo, é importantíssimo lembrar que a relação de Machado de Assis com a História é bem anterior a 1873, data da edição das obras completas de Luciano que se encontrava em sua Biblioteca. Aliás, acredito que os conhecimentos e as concepções que Machado já possuía acerca da História facilitaram sua identificação com a obra de Luciano e sua filiação à tradição luciânica.

Nessa perspectiva, é igualmente provável que a forma sério-jocosa de Machado tratar a História e os historiadores também descenda de Luciano, como assevera Enylton de Sá Rego. De acordo com ele, em *História Verdadeira I e II*, “Luciano nos apresenta uma paródia aos exageros e inveracidades contidos nas obras dos historiadores clássicos” (SÁ REGO, 1989: 53-54); por outro lado, a obra *Como se deve escrever a história* “é um dos raros textos de Luciano em que o autor ou narrador assume um tom unívoco e claramente didático. Seu objetivo expresso é o de ‘dar conselhos’, através de ‘alguns preceitos’, aos que desejam praticar o ofício de historiador” (SÁ REGO, 1989: 57).

Assim como Luciano de Samosata, Machado tinha dois modos de se referir aos historiadores e aos “estudos históricos”: 1) jocoso/irônico e 2) circunspecto/objetivo. Quando se referia a historiadores contemporâneo e/ou brasileiros ou analisava seus “estudos históricos”, tratava-os com circunspeção e objetividade; quando se referia ao historiador de forma genérica ou anônima, fazia-o, na maioria das vezes, com jocosidade e ironia.

Por fim, o estudo do grego, no final da vida, coroa a ideia de que a História e, de uma forma geral, as obras da Antiguidade Clássica são importantes para a construção da visão de mundo de Machado de Assis e, conseqüentemente, para sua biografia intelectual. Nesse sentido, é possível afirmar que Machado de Assis foi um classicista e, segundo Hartog, “todo classicista é, de direito (ou em potência), senão de fato, historiador” (HARTOG, 2003: 202), mesmo que seja “um pobre historiador de coisas

leves” (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.4: 978) ou apenas um “romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes” (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.4: 1118).

Será necessário converter Machado de Assis em historiador para afirmar a importância da História para sua biografia intelectual? É preciso que Machado tenha sido historiador para que as suas concepções acerca da História, dos historiadores e dos estudos históricos sejam levados em consideração âmbito da História da Historiografia Brasileira? Acredito que não! Afinal, “repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa”:

Um contador de histórias é justamente o contrário de um historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar (MACHADO DE ASSIS, 2015, vol.4: 323).

\*

#### FONTES

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Machado de Assis: obra completa em 4 volumes*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

#### REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 3a. edição, 2011.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Grécia de Machado de Assis*, p. 351-374. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*. São Paulo: Editora Fulgor, 1960.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *A semana: crônicas (1892-1893)*. Introdução e notas John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

JABLONKA, Ivan. *La historia es una literatura contemporánea: Manifiesto por la ciencias sociales*. Traducción: Horacio Pons. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. 348 p.

JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2008.

PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média*. Tradução: Wolf Hörnke. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política – Obra em 5 volumes*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PANOFSKY, Erwin. *La perspectiva como forma simbólica*. Barcelona: Tusquets Editores, 2010.

RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SÁ REGO, Enylton José de. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

